

**EDITORIAL**

---

Prof. Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (PEM/UFRJ)  
Prof. Dr. André Rocha de Oliveira (PEM/UFRJ)  
Prof. Dr. Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (PEM/UFRJ)  
Prof. Dra. Juliana Salgado Raffaeli (PEM/UFRJ)

Editorial recebido em 21 de março de 2025

Editorial aceito em 28 de março de 2025

Como sintetiza Isabel Velázquez (2007) em sua obra já clássica, *La Literatura Hagiográfica*, hagiografia é um conceito que possui dois sentidos básicos. O primeiro refere-se ao estudo dos santos, sua história, culto e lendas, e o segundo, a um conjunto de obras relacionadas à vida dos santos. Com a proposição do dossiê *A Hagiografia medieval em foco: reflexões sobre a produção, circulação dos textos e propostas de leitura* temos como foco a segunda definição, sem ignorar que é, sobretudo por meio da análise de tais materiais, que é possível discutir aspectos relacionados à historicidade daqueles reconhecidos como veneráveis e das manifestações associadas às devoções a eles dedicadas.

Segundo Linage Conde, os estudos críticos sobre os textos hagiográficos surgem no século XVII, com Héribert Rosweyde (1992, p. 190), que “*había concebido la idea de editar críticamente el conjunto de las fuentes hagiográficas antiguas*”. Tais esforços tiveram continuidade com as ações desenvolvidos pelos chamados bolandistas, membros da Congregação Beneditina de São Mauro que, sob a liderança de Jean Bolland, iniciaram um trabalho sistemático de reunião, edição e publicação de hagiografias, organização de catálogos e estudos analíticos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Referimo-nos aos volumes da *Acta Sanctorum*, *Analecta Bolladiana* e *Subsidia hagiographica* e aos catálogos denominados como *Bibliotheca hagiographica*, que reúnem informações sobre hagiografias redigidas em grego, latim e línguas orientais. Cf. <https://bollandistes.org/>. Último acesso em 01/03/2025.

A partir de tais iniciativas, e com a organização dos estudos acadêmicos no campo da História, as reflexões sobre a hagiografia em seu duplo sentido começaram a vir à luz a partir de fins do século XIX, com destaque para as obras de Hippolyte Delehaye. Desde então, as pesquisas sobre a hagiografia se expandiram em diversos países, sempre se renovando a partir de distintas perspectivas teóricas, do levantamento de questões inovadoras, da busca por textos ainda inéditos, etc. As associações científicas,<sup>2</sup> os eventos acadêmicos,<sup>3</sup> os periódicos especializados,<sup>4</sup> a publicação de edições críticas de hagiografias e de livros e artigos<sup>5</sup> cada vez mais apontam para a vitalidade das investigações hagiográficas.

No Brasil, os estudos sobre a hagiografia se iniciaram ainda na década de 1980. Como é possível verificar pelo catálogo de dissertações e teses no campo dos estudos medievais organizado por José Rivair Macedo (2003), que abarca o período de 1990 a 2002, o tema não suscitou muitas reflexões nos anos seguintes. Assim, das 333 dissertações e teses levantadas, somente cinco abordaram questões relacionadas à hagiografia.

A expansão ocorreu a partir dos anos 2000 e, nesse processo, o Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEM-UFRJ) teve papel de destaque, já que fomentou tais pesquisas por meio de diversas ações. Como resultados, hagiografias foram traduzidas para o português (SILVA et al, 2002; 2018, 2019); foi elaborado um jogo para uso didático, o Hagiografando<sup>6</sup>; bancos de dados sobre hagiografias e santos ibéricos foram lançados (SILVA, 2009; 2012; 2024) e foram promovidos diversos eventos associados ao tema.<sup>7</sup>

---

<sup>2</sup> Como a Hagiography Society. Cf. <https://www.hagiographysociety.org/>

<sup>3</sup> Como os distintos simpósios temáticos ofertados na última edição do International Medieval Congress cf. [https://www.hagiographysociety.org/?page\\_id=1410](https://www.hagiographysociety.org/?page_id=1410)

<sup>4</sup> Como as já citadas *Analecta Bollandiana* e *Subsidia Hagiographica* e a revista *Hagiographica* (cf. <https://www.sismel.it/>)

<sup>5</sup> Uma amostragem de tais publicações pode ser verificada, dentre outros, a partir dos sites *The Medieval Review* (<https://scholarworks.iu.edu/journals/index.php/tmr>); *Hagiographiy Society* ([https://www.hagiographysociety.org/?page\\_id=80](https://www.hagiographysociety.org/?page_id=80)); *Sismel* (<https://www.sismel.it/>); *Analecta Bollandiana* (<https://www.brepolonline.net/loi/aboll>).

<sup>6</sup> Mais informações sobre o jogo podem ser encontradas por meio do vídeo "O jogo Hagiografando: uma estratégia didática para o estudo das relações sociais", disponível em [https://youtu.be/b\\_FZuQtZrW0?si=gb2NM-dVEtVhR779](https://youtu.be/b_FZuQtZrW0?si=gb2NM-dVEtVhR779)

<sup>7</sup> Informações sobre tais atividades e publicações podem ser encontradas na homepage do Programa de Estudos Medievais da UFRJ ([pem.historia.ufrj.br](http://pem.historia.ufrj.br)).

Mais recentemente, a partir de 2020, também foram elaborados conteúdos para as redes sociais com destaque para a hagiografia.<sup>8</sup>

Houve, sobretudo, um investimento na formação de pesquisadores no campo dos estudos hagiográficos. Assim, dezenas de alunos desenvolveram suas monografias, dissertações e teses a partir da análise de hagiografias. Segundo levantamento realizado em fevereiro de 2025, das 161 monografias redigidas no âmbito do PEM-UFRJ de 1997 até o presente, 53 (33%) foram elaboradas empregando fontes hagiográficas; das 55 dissertações, 29 (53%), e, entre as 23 teses, nove (39%) utilizaram tais documentos.

Ainda que o PEM-UFRJ tenha se consolidado como um relevante polo de estudos sobre as hagiografias – ainda que outros temas e fontes não tenham sido esquecidos –, é possível verificar pelos artigos incluídos no dossiê que o tema também é alvo de atenção em outros grupos de pesquisa do país. Nesse sentido, os 11 artigos reunidos no dossiê provêm de pesquisadores com variadas vinculações institucionais e possuem diferentes níveis de formação. Assim, há trabalhos de graduandos, mestres, doutorandos e doutores. Por meio dos textos reunidos, é possível verificar as várias possibilidades de abordagem da hagiografia em seu duplo sentido de estudos sobre os textos, bem como sobre os santos e os cultos a eles dedicados. Passamos a apresentar os autores e os textos, obedecendo a datação das fontes analisadas.

Cainã Lima Novaes dos Santos é graduando do curso de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), é membro dos grupos de pesquisa: Programa de Estudos Medievais (UERJ), Trabalho Identidades Cristãs na Antiguidade e Medievo, Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade – ATRIVM (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) e Agios - Grupo de Estudo de Santidade e Hagiografia da (Universidade Federal Fluminense); desenvolve pesquisas sob a orientação do Prof. Dr. Wendell dos Reis Veloso, que é coautor do artigo. Veloso é mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGH/UFRRJ), cursos realizados com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Desde 2022 é professor adjunto de História Medieval da UERJ.

---

<sup>8</sup> Cf. [youtube.com/TVPEMUFRJ](https://www.youtube.com/TVPEMUFRJ); [instagram.com/pemufjrj/](https://www.instagram.com/pemufjrj/) e [facebook.com/PemUfrj/](https://www.facebook.com/PemUfrj/).

Ele tem se dedicado ao estudo da Hagiografia e da Santidade no Império Romano e no medievo a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero.

Em “Apontamentos iniciais sobre gênero e poder episcopal a partir da *Vida e Milagres de Santa Tecla* (Séc. V)”, como o próprio título indica, Santos e Veloso apresentam uma primeira análise de uma hagiografia elaborada no século V, em Selêucia, localidade da atual Turquia, dedicada à Santa Tecla. Essa mulher, como apontam textos patrísticos, foi uma mártir associada ao apóstolo Paulo.

No decorrer do artigo, são expostas hipóteses relacionadas à autoria da hagiografia e é debatida a relação entre masculinização e santidade na antiguidade tardia, com base nas ideias de distintos pesquisadores e por meio da análise da *Vida e Milagres de Santa Tecla*, a partir das perspectivas de Foucault, Laqueur e Butler. As reflexões sobre como as mulheres são descritas na obra se articulam a de como os poderes eclesiásticos são retratados.

Santos e Veloso argumentam que, ainda que seja possível identificar aspectos de uma masculinização das mulheres rumo à santidade, a hagiografia sobre Tecla também apresenta ambiguidades, ao enaltecer a modéstia e a temperança como virtudes femininas. Tal característica pode ser explicada, como defendem os autores, pelo papel ocupado pelas mulheres aristocráticas nas disputas pelo poder no âmbito das comunidades cristãs no período de redação do texto hagiográfico.

Juliana Salgado Raffaeli é historiadora especializada em estudos sobre o monasticismo e a cristianização nos primeiros séculos da Idade Média, com ênfase nos reinos romano-germânicos dos séculos VI e VII. Concluiu o doutorado no Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), sob orientação da Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva, com financiamento da CAPES, e atualmente realiza pós-doutorado na mesma instituição. Sua trajetória acadêmica destaca-se pela análise das narrativas hagiográficas, adotando perspectivas comparativas e interdisciplinares para investigar a dinâmica religiosa e cultural desse período.

O artigo “A atividade cristianizadora de Antonino de Sorrento na *Vita Antonini*” explora as alusões à atuação religiosa de Antonino de Sorrento com base em relatos hagiográficos. A análise inicia-se com um panorama da península

Itálica e do monasticismo nos séculos VI e VII, situando historicamente seu contexto. Em seguida, examina quatro modalidades principais de cristianização descritas na narrativa: a construção de edifícios religiosos; a atração, conversão e pregação de fiéis; a participação em atividades episcopais e abaciais; e os conflitos oriundos de seus esforços cristianizadores.

A pesquisa defende que a cristianização se caracteriza como tema central da hagiografia, sobressaindo em frequência e em importância os *topoi* de isolamento e peregrinação dentro dos ideais monásticos. Tal aspecto se justifica pelo enquadramento dos personagens monges nas estruturas junto às autoridades eclesiásticas.

Esse estudo encerra uma trilogia de artigos dedicada à comparação de ações de cristianização atribuídas a monges eremitas visigodos, francos e itálicos pelos seus hagiógrafos, a saber: Valério de Bierzo (2019) e Amando de Maastricht (2015), este em coautoria com a Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva. Os resultados refletem a pesquisa doutoral desenvolvida no PPGHC-UFRJ e junto ao PEM-UFRJ, evidenciando o potencial do método comparativo para compreender o papel desses agentes religiosos na consolidação e expansão do cristianismo.

Clarissa Mattana é graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da mesma universidade (PPGHC-UFRJ), onde cursa o doutorado junto ao mesmo Programa, e com vinculação ao PEM-UFRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Duarte Silva. É professora do quadro permanente do Colégio Pedro II, atuando no Departamento de Biologia e Ciências, o que se relaciona à sua formação anterior no campo das Ciências Biológicas. Ela tem se dedicado ao estudo da cristianização, da hagiografia, das mulheres e do discurso eclesiástico no medievo.

O artigo “Uma síntese historiográfica sobre as hagiografias hiberno-latinas de Brígida de Kildare (séculos VII-VIII)” apresenta reflexões desenvolvidas sob orientação da Profa. Dra. Elizabeth Boyle, junto à Maynooth University, durante o doutorado-sanduíche realizado na Irlanda com o financiamento do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE-CAPES).

No texto são apresentadas duas hagiografias dedicadas à Santa Brígida de Kildare, a *Vita Sanctae Brigitae* (VSB) e *Vita Prima* (VP), que, segundo especialistas, são testemunhos relevantes das fases iniciais de seu culto na Irlanda. Assim, após apresentar as discussões relacionadas à historicidade da santa, são abordados temas como datação, transmissão manuscrita, autoria, motivações para a redação, forma e organização das obras e principais diferenças entre os textos.

Mattana realça a relevância de tais hagiografias para a compreensão da cristianização e implantação da organização eclesiástica na Irlanda. Ao relatar eventos sobre Brígida, tais textos também acabam por registrar disputas entre os eclesiásticos e destes com os leigos; o cotidiano dos mosteiros e as relações entre homens e mulheres.

Matheus Brum Domingues Dettmann é mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, cursa o doutorado em História Comparada pela mesma instituição sob a orientação da Profa. Dra. Beatriz Bissio. Integrante do Grupo de estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte (*Insulae*), desenvolve pesquisas sobre textos normandos do século XI.

No artigo “A *História Normannorum* de Dudo de Saint-Quentin: um projeto de Hagiografia?”, Dettmann investiga se a *História Normannorum* pode ser considerada uma hagiografia a partir da análise da construção da imagem de Guilherme Espada-Longa. A pesquisa compara a obra com características hagiográficas medievais, destacando como Dudo de Saint-Quentin descreve Guilherme como governante piedoso e propenso à vida monástica, cujas circunstâncias de sua morte sugerem um martírio.

O autor argumenta que essa narrativa reforça a legitimidade dos normandos, apresentando-os como líderes cristãos e afastando-os de suas origens pagãs. Dettmann propõe que a *História Normannorum* emprega elementos típicos da hagiografia para consolidar o poder dos duques de Rouen dentro da cristandade franca. A ênfase na santidade e no martírio de Guilherme poderia indicar certa tentativa de promover uma canonização futura; iniciativa que não se concretizou. Desse modo, apresenta como textos medievais usavam

o passado para legitimar estruturas de poder, demonstrando a interseção entre história, política e religião no meio normando.

Israel Matheus Siqueira Santos é mestrando em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a pesquisa intitulada “*Plusquam homo*: deificação na Homília sobre o Prólogo de São João, de João Escoto Erígena”, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz. Graduado em Letras-Latim pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), desenvolve investigações na área de Letras Clássicas, com foco nos estudos sobre o Cristianismo Primitivo durante a Antiguidade Tardia.

Seu artigo, intitulado “Hagiografia e pseudonímia: *A Passio S. Dionysii*, de Hilduíno de Saint-Denis”, examina uma hagiografia do século IX atribuída a Hilduíno de Saint-Denis, explorando questões centrais relacionadas à identificação do protagonista e as motivações para a sua produção. Segundo o estudo, a narrativa combina características de diferentes figuras históricas conhecidas pelo nome Dionísio (o Areopagita, o bispo de Atenas/Paris, e o Pseudo-Dionísio), resultando em uma fusão que delinea o São Dionísio de Hilduíno, abade de Saint-Denis e tradutor do *Corpus Areopagiticum* de Pseudo-Dionísio do grego ao latim.

A análise destaca o papel da pseudonímia na construção da identidade e na preservação da memória de santos no período medieval, buscando responder às questões “Que objetivos desejava Hilduíno alcançar e que ansiedades acalmar com a apropriação criativa do arcabouço devocional em volta de São Dionísio?”. Utilizando o arcabouço metodológico da Análise do Discurso, a produção literária é examinada para concluir que a exaltação de São Dionísio na obra de Hilduíno visava fortalecer tanto a abadia de Saint-Denis, ao associar seu fundador e patrono ao tempo dos apóstolos, quanto à monarquia carolíngia, por fornecer justificativas pseudo-históricas e hagiográficas para o projeto imperial de Luís I, o pio.

Radamés de Sousa é licenciado em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tem especialização em História do Brasil pelas Faculdades Integradas de Patos e mestrado em Ciências das Religiões pela UFPB. Atua como professor de educação básica junto à Secretaria da Educação e da Ciência e

Tecnologia da Paraíba – SEECT-PB, e pesquisa sobre temas que envolvem a produção de Hieronymus Bosch (c.1450-1516), a Pintura flamenga do século XVI, a História Cultural, a Cultural visual do Brasil Colonial (século XVII), dentre outras temáticas.

Intitulado “Visões do além: a materialização de ideias religiosas através do repertório iconográfico de Hieronymus Bosch”, o artigo discute as imagens como representação material de ideias religiosas, as quais simbolizam estruturas de pensamento e práticas socioculturais contextualizadas. Ao pregar sobre o luxo, a vida de Cristo ou o juízo final etc., Sousa entende que a cultura cristã teria estruturado todo um imaginário atrelado à experiência religiosa, que se articulava a aspectos sociais, políticos e ideológicos particulares. Resultado dessa produção, a iconografia, em diálogo com as narrativas eclesiásticas que circulavam, seja ao representar deuses, demônios, santos ou pecadores, atenderiam demandas socialmente marcadas, orientadas também à doutrinação, à promoção de culto ou à meditação.

Debruçando-se em uma análise iconográfica sobre as obras de Hieronymus Bosch, como *O Jardim das Delícias Terrenas* (1503), *As Visões do Além* (1500-1504) e *O Carro de Feno* (1510-1515), entre outras, o autor entende que as imagens, pelos elementos que apresentam, operariam como instrumentos mediadores entre os seres humanos e o divino, função que paralelamente também seria compartilhada com o sermão, importante instrumento para a regulação da vida dos fiéis. Uma vez que as ações humanas estavam voltadas para a dimensão religiosa, teria havido, dada a disseminação da cosmovisão cristã realizada, uma materialização de suas crenças na forma de arte.

Sousa concebe que as representações criadas por Hieronymus Bosch, que envolviam temáticas do Apocalipse, do Purgatório, do Inferno e do Paraíso fomentavam os fiéis a seguir pelo caminho pregado pela doutrina católica por meio da identificação e uso dos ritos socialmente reconhecidos e tidos como necessários à vida cristã.

Marcelus Mendes Ferreira Zampier é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e foi bolsista PIBID (Programa Institucional de Bolsas para a Iniciação à Docência) entre 2018 e 2019. Tem

interesse em temas como a reforma protestante, cristianismos orientais e percepções de temporalidade.

O artigo “Velas, festejos e vitrais: a bíblia mediada pela religião tradicional na Inglaterra medieval-tardia”, analisa os festejos do calendário litúrgico, com destaque para a festa da Candelária. Partindo do conceito de “religião tradicional” de Eamon Duffy, Zampier desenvolve seu estudo com o objetivo de traçar um panorama do que seria a religiosidade inglesa nos séculos XV e XVI.

Ao se voltar sobre as memórias de Roger Martyn (século XVII), centradas em suas vivências na *Holy Trinity Church*, em Long Melfort, e o paralelo estabelecido com as experiências do vilarejo de Morebath e de outras regiões, o autor dimensiona a intensidade da vida paroquial local, o que auxilia o entendimento da profundidade do aspecto cultural que envolvia o catolicismo medieval-tardio na Inglaterra. Não havendo uma ordem de importância entre a devoção privada e os festejos e tradições associados ao cristianismo, o fiel, segundo o entendimento do autor, seria chamado a prestar a sua adoração a Deus, tendo como referencial as orientações definidas pelo calendário litúrgico. Em meio à rotina social, Zampier salienta que eram proibidos os casamentos nas semanas do Advento e da Quaresma; jejuns eram esperados durante a Semana Santa, durante a própria Quaresma, além dos dias comemorativos de determinados santos, o que servia para venerá-los.

No entanto, Zampier sinaliza que após o rompimento com Roma, em 1530, parte das festividades teriam sido interditadas, o que afetara particularmente celebrações relativas à vida dos santos e aos períodos da vida de Jesus, gerando assim um movimento de afastamento em relação à tradição católica.

Para o autor, tendo em vista que boa parte dos leigos eram analfabetos, as comemorações cumpriam a função de educar os devotos em relação à rotina cristã. Ao se debruçar sobre a festa da Candelária, que celebra a apresentação do menino Jesus no templo de Jerusalém, essa relação entre a cena bíblica e a sua rememoração fica mais latente. Zampier concebe que a dinâmica lúdica do festejo formaria o imaginário dos fiéis, unindo a cena bíblica às liturgias populares. Ele destaca, por exemplo, que as velas presentes na procissão, antes utilizadas como artifício didático para ensinar sobre a apresentação de Jesus,

tornaram-se com o tempo parte da representação iconográfica da própria cena bíblica, compondo assim o que era celebrado.

O autor conclui defendendo a ideia de que a religião tradicional se estabeleceu como mediadora da Escritura para os fiéis, que, por sua vez, passaram a conhecer os textos bíblicos pelas suas lentes particulares. O imaginário católico medieval-tardio, assim, não seria formado diretamente pelas Escrituras Sagradas, mas pela forma como os festejos populares interpretavam e encenavam as cenas bíblicas conservadas.

Patrícia Marques de Souza é doutora em História e Artes pela Universidade de Granada (UGR) e mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolve pesquisas sobre história da arte, arte medieval, imagens cristãs, imagem e devoção. Desde 2015, estuda os incunábulo com gravuras do gênero literário da *Ars Moriendi* (a Arte de Bem Morrer) do século XV.

No artigo “Na paleta do Diabo: a imagética das tentações na *Légende Dorée* (1348)”, Patrícia Marques de Souza analisa a relação entre o Diabo e as cores na *Legenda Áurea*, com foco no manuscrito *Ms. Fr. 241*. A pesquisa investiga como cores e formas associadas ao mal, como o preto e animais de hábitos noturnos, transmitem significados teológicos e sociais na Idade Média, refletindo a oposição entre o bem e o mal. Nesse sentido, analisa seis hagiografias e suas respectivas iluminuras presentes na versão do legendário publicada em 1348.

A autora defende que as representações demoníacas, por meio de cores escuras e figuras monstruosas, não apenas ilustram a maldade, como também simbolizam a marginalização social de determinadas características. As iluminuras, com suas cores e formas, funcionam como ferramentas de persuasão, reforçando os valores cristãos de santidade e obediência, ao mesmo tempo que alertam sobre as consequências do pecado. As cores são usadas para destacar a santidade, enquanto as formas bestializadas do Diabo enfatizam sua natureza disforme e sua oposição à ordem divina. Segundo Souza, além dessas representações visuais e textuais documentarem a luta simbólica entre o bem e o mal, elas também servem como ferramenta educativa para a moralização da

sociedade medieval, ajudando os fiéis a visualizarem e internalizarem os princípios da fé cristã.

Francine Sedrez Bunde e Laura Bergozza Pereira são bachareladas do curso de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e vinculadas ao Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade (POIEMA), pesquisando sob a orientação da Profa. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves.

Em “Santidades (trans)gressoras: pensando a Legenda Aurea de Teodora e Marina a partir de uma leitura *queer*”, Bunde e Pereira propõem uma nova leitura dos capítulos do legendário de Jacopo de Varazze dedicados às chamadas santas travestidas, mulheres que alcançaram a santidade assumindo vestimentas e identidades masculinas. Para tanto, fundamentam as suas análises nos conceitos de performatividade de Butler e de múltiplos viveres trans de Bychowski, buscando romper com as perspectivas binárias.

Os capítulos eleitos para análise narram as trajetórias de Teodora/Teodoro e Marina/Marino. No decorrer do artigo, em diálogo com distintas interpretações sobre tais hagiografias, são realçadas as semelhanças e as diferenças entre tais textos. Segundo as autoras, esse exercício permite discutir a identidade de gênero indo além da perspectiva hetero-cis-normativa.

Sem “determinar certezas”, buscando realçar o dinamismo da performatividade, as autoras destacam que as hagiografias sobre Teodora/Teodoro e Marina/Marino permitem leituras que rompem com a perspectiva binária. Dessa forma, tais textos auxiliam na visibilização de outras possibilidades de vivências históricas.

André Rocha de Oliveira é doutor em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ) e mestre pelo mesmo programa. Atualmente, realiza estágio de pós-doutorado no PPGHC sob a supervisão da Profa. Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, sendo financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa Carlos Chagas do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Tem sua trajetória marcada por estudos dedicados à *Legenda Aurea* junto ao PEM-UFRJ.

No artigo “Reflexões introdutórias sobre o livro na Idade Média para o estudo da Legenda aurea”, Oliveira aborda a *Legenda aurea*, compilada pelo

frade dominicano Jacopo de Varazze no século XIII, sob a ótica da história da leitura. Diferentemente de abordagens que privilegiam o conteúdo hagiográfico, o estudo enfatiza a condição de livro do legendário e a influência de sua materialidade na apropriação e circulação do texto.

A obra destaca-se pela difusão expressiva, sendo amplamente copiada, traduzida e utilizada no Ocidente medieval. A organização em códice e a redação em um latim mais simplificado favoreceu sua adoção por pregadores, tornando-se um instrumento essencial na formação e prática religiosa.

A análise do artigo é estruturada em três eixos a partir da bibliografia produzida sobre o assunto: produção, circulação e apropriação. Na produção, destaca-se a mediação de copistas e escribas, cujas práticas e limitações poderiam impactar a fidelidade do texto original. Na circulação, evidencia-se o papel das ordens mendicantes na disseminação do legendário, seja por cópias, doações ou empréstimos vitalícios. Já na apropriação, são exploradas as modalidades de leitura (em voz alta, ruminação e leitura silenciosa), que moldaram o uso do texto para edificação religiosa e acadêmica.

O artigo conclui que a *Legenda aurea* não é apenas uma coleção de relatos devocionais, mas um artefato literário moldado por seu contexto de produção e uso. Sua estrutura e difusão a caracterizam como um dos "instrumentos de trabalho" medievais, cuja função era facilitar o acesso ao conhecimento e padronizar leituras dentro das ordens religiosas.

Finalizando a apresentação, salientamos que os artigos que compõem o dossiê *A Hagiografia medieval em foco: reflexões sobre a produção, circulação dos textos e propostas de leitura* são uma importante amostragem dos estudos desenvolvidos sobre a hagiografia em seu duplo significado no Brasil no presente. Dessa forma, a temática é investigada com atenção a diversos aspectos, como o processo de composição, a autoria, as questões de gênero, as relações de poder, as devoções, etc. em diálogo com a historiografia. Já consolidado no país, o campo apresenta dinamismo, atraindo a atenção de novas gerações de pesquisadores.

## Referências bibliográficas:

LINAGE CONDE, Antonio. Los bolandistas. **Medievalismo**, n. 2, p. 187-206, 1992.

MACEDO, José Rivair. (org.). **Os Estudos Medievais no Brasil**. Catálogo de dissertações e teses: Filosofia, História, Letras (1990-2002). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Coord.). **Hagiografia e cinema**. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2024. Coleção Idade Média Didática. Volume 3.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Coord.). **Hagiografia e História. Volume 1**. Banco de dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII). Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2009.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Coord.). **Hagiografia e História. Volume 2**. Banco de dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII). Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2012.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da et al. **Vida de Santa Maria Madalena** - Texto Anônimo do Século XIV. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2002.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, TORRES, Andrea Reis Ferreira. **Legenda Beati Petri Gundisalvi**. Tradução, introdução e notas. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2018.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, TORRES, Andrea Reis Ferreira. **Milagres do servo de Deus depois de sua morte e Solenidade ao Beato Pedro Gonçalves**. Tradução, introdução e notas. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2019.

VELÁZQUEZ, Isabel. **La literatura hagiográfica**. Presupuestos básicos y aproximación a sus manifestaciones en la Hispania visigoda. Burgos: Fundación del Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, 2007.